

## A SEMANA – 137

John Gledson

A notícia do príncipe japonês e sua procura de uma esposa nobre ou, na falta desta, rica, deve ter atraído logo a atenção de Machado, que gostava muito dessas misturas de coisas aparentemente opostas, em que o sangue azul e os dólares acabam sendo intercambiáveis. Outro exemplo: o sultão do império otomano manda felicitações ao papa. Para ele, são profundamente típicas do momento histórico, em que “todas as crenças se fundem neste fim de século sem elas”. Mesmo ao tratar do desastre, imprime um sabor bem machadiano (e, novamente, relativista) ao seu comentário, na linha do “Suave mari magno” da crônica anterior. Moralista realista, e inimigo dos que criticam os outros sem ter passado pelas mesmas peripécias, simpatiza com os que não queriam pôr suas próprias vidas em risco para salvar as vítimas do naufrágio. “Nem todas as ações podem ser sublimes.”



## A SEMANA

13 de janeiro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Foi a semana dos cadáveres;<sup>1</sup> mas, por mais que eles aparecessem e me entrassem pelos olhos, custou-me desviar a vista deste telegrama de Viena: “Embaixadores japoneses procuram uma princesa europeia para casar com o príncipe herdeiro, e, se não acharem, procurarão uma americana opulenta.”<sup>2</sup>

Pelo que vai grifado, deveis perceber que o que mais me atrai nesse telegrama, não é a arte oportuna do Japão, que pede uma princesa europeia no momento em que afirma o seu poder político e militar.<sup>3</sup> As famílias régias não podem estranhar o pedido; tendo adotado instituições europeias, é natural que o Japão queira completá-las por meio de uma princesa, instituição viva. Eleições, ministério, parlamento, moções de confiança, orçamento e impostos votados, todo esse aparelho de civilização e de liberdade funciona perfeitamente em Tóquio; por que não há de funcionar uma princesa? Racionalmente, não há negativa que valha.

É possível, porém, que as princesas europeias não aceitem a proposta e deem pretextos em vez de razões. Tóquio é tão longe! A língua é tão difícil! e tão complicada! Tudo isso previa a chancelaria japonesa; se nenhuma princesa europeia quisesse o trono que se lhe oferece, recorrerá às grandes herdeiras americanas. É isto que me prende os olhos. Sim, eu creio que os embaixadores japoneses não tornam com o tálamo vazio. Há herdeira americana destinada a ser imperatriz do sol nascente.

Que destino que é o das herdeiras norte-americanas! Muitas delas penetraram e penetram nas mais cerradas aristocracias europeias. Há duquesas, cujos pais não foram nada, antes de milionários deste lado do Atlântico. Brasões velhos e dólares novos fazem boa companhia. Na batalha da vida, como na de Ricardo III, o grito é o mesmo:

---

<sup>1</sup> Os detalhes do desastre da *Terceira* estão referidos na nota 8.

<sup>2</sup> Este telegrama apareceu, com as palavras citadas, n’*O Paiz* de domingo, 6 de janeiro.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, a crônica de 28 de outubro de 1894 (126).

“Um cavalo! um cavalo! meu reino por um cavalo!”<sup>4</sup> “Um milhão! um milhão! meu nome por um milhão!” “Um castelo! um castelo! meu milhão por um castelo!” Tal é a universalidade de Shakespeare. Demais, (não sou mulher, não posso sentir bem o que digo) creio que há de haver certo gosto particular em dar à luz um duque. Que não será em dar à luz um imperador?

Se algum fabricante de papel da<sup>5</sup> Pensilvânia tem de ser avô do futuro micado, este século acaba como principiou, e o pai de Bernadotte acha um êmulo no industrial americano.<sup>6</sup> Este, pensando em dar nova forma aos trapos velhos, fundará uma dinastia. Do papel que houver fabricado, é provável<sup>7</sup> que muitas folhas hajam servido para escrever belas páginas; mas a melhor delas, a magnífica, será esse poema, conto ou ode, que fizer de uma simples herdeira a imperatriz futura. O resto é com os cronistas japoneses. Não faltará algum que o dê por um grande rei, tão amigo das letras e protetor de livros, que os seus súditos lhe puseram o cognome de *fabricante de papel*. A história é muitas vezes isso: um trocadilho.

Assim explicada a atração do telegrama, não tenho dúvida em fitar os cadáveres da semana, que foi uma semana de cadáveres, como ficou dito.<sup>8</sup> Outro trocadilho.

---

<sup>4</sup> “A horse! A horse! My kingdom for a horse!” Palavras de Ricardo III na peça homônima de Shakespeare, ato IV, linha 7, na batalha de Bosworth Field, em que morreu.

<sup>5</sup> Assim no jornal. Aurélio tem “de”, sem anotar.

<sup>6</sup> Jean Bernadotte (1763-1844), soldado de profissão, sem título, foi marechal no Império napoleônico. Tinha uma relação turbulenta com o imperador, e, em 1810, ofereceram-lhe inesperadamente o trono da Suécia, pois o rei Karl XIII estava sem descendência, e sem esperança de tê-la. Foi eleito por uma votação no parlamento sueco, e reinou até a morte. “Bernadotte foi rei, e Bonaparte imperador. Você queria ser a rainha-mãe da Suécia?”, são palavras de Carlos Maria no capítulo CLXXIII de *Quincas Borba*.

<sup>7</sup> Na *Gazeta*, há aqui uma vírgula, que Aurélio suprime.

<sup>8</sup> Pouco depois das 7 horas da noite do domingo, 6 de janeiro, houve um desastre terrível na baía de Guanabara: a barca *Terceira* aproximava-se de Niterói, quando subitamente explodiu e pouco depois afundou. Houve muitos mortos, e cada dia nos jornais, durante toda a semana, apareciam pequenas notícias, listas de mortos e desaparecidos etc., sob a manchete GRANDE CATÁSTROFE. Cito aqui trechos da primeira notícia, do dia 7, e de algumas outras, que Machado verossimilmente leu e usou. No dia 7 (*Gazeta de Notícias*, p. 1): “Um desastre enorme e pungentíssimo cobriu de luto muitas famílias brasileiras, a esta hora privadas de entes caros e estremecidos. / A barca *Terceira*, que há pouco se experimentara com feliz êxito, fez ontem a sua inauguração e trabalhara sem acidente algum durante o dia. Às 7 horas saía desta capital, (...) com cerca de 80 passageiros que se destinavam uns a S. Domingos e outros a Niterói. Depois de parar no primeiro desses pontos, largara da ponte para fazer a curva e atracar em Niterói, quando de terra se viu que saía um clarão das escotilhas da barca, e esta parava a certa distância. Era um pavoroso incêndio a bordo. / Ignora-se por enquanto qual a causa deste sinistro, havendo quem afirme que ele se originou da máquina motora da iluminação elétrica. / É fácil imaginar o efeito produzido por esta desgraça no ânimo dos passageiros, que, para escaparem à morte pelo fogo, se precipitaram todos ou quase todos no mar, afrontando outro gênero de morte. Um horror! (...) / Nessa ocasião partia de Niterói a *Quinta*, tendo por mestre Pedro Costa, com destino a esta capital. Costa pretendeu aproximar-se da barca incendiada para prestar socorros, mas foi impedido pelos passageiros, que, tomados de pavor e receosos de serem por sua vez vítimas da explosão da máquina da *Terceira*, absolutamente não permitiram a aproximação, ameaçando com armas o mestre. Estes passageiros arrancaram os bancos e atiraram-nos ao mar em direção à *Terceira*, com o intuito de oferecerem por esta maneira um meio de salvação aos naufragos.” No dia 9 (*Gazeta de Notícias*, p. 1): “Este [o mestre da *Quinta*] confirmou o que se diz, quanto à intimação que sofreu de muitos passageiros para não aproximar-se

Muitos foram os que viemos recolhendo, de domingo para cá, ou diretamente do mar, ou das praias a que ele os arrojou. Alguns foram barra fora, como se achassem curto o trajeto entre a vida e a morte. Ainda podem aparecer outros, a morte é fecunda.

Muita gente citou agora, por ocasião da *Terceira*, o desastre da *Especuladora*, há meio século.<sup>9</sup> Há quem se lembre que o mundo existia há cinquenta anos, e que as máquinas não são mais novas. Algum dia, se o mundo ainda durar meio século, e houver outra explosão nas barcas de Niterói, é provável que alguém se lembre da catástrofe da *Terceira*, e até as notícias e artigos de hoje. Estilo, meus senhores, deem estilo nas descrições e comentários; os jornalistas de 1944 poderão muito bem transcrevê-los, e não é bonito aparecer despenteado aos olhos do futuro. Como se chamará a barca desse tempo? Aí está um objeto de apostas, agora que frontões e *bookmakers* tiveram alguns dias de férias.<sup>10</sup>

Uma das coisas que me doeram na catástrofe da *Terceira* foi a injustiça feita aos passageiros da *Quinta*. Todos, à uma, condenaram esses homens que, segundo se disse, ameaçaram o mestre da barca com revólveres, palavras e punhos, se ele fosse em socorro dos passageiros da *Terceira*. Tachou-se este procedimento de desumano, de feras,<sup>11</sup> de inqualificável, e o que vale aos pobres homens da *Quinta*, é não se haver nomeado ninguém. Um deles é que se nomeou no inquérito. Aos outros fica o recurso de dizer que não vinham na *Quinta*. Já se lhes deixou uma pequena aberta, dizendo que não foram todos que ameaçaram o mestre, mas certo número deles. A unanimidade desumana pode ficar assim reduzida a uma piedosa maioria, que não teve meio de reagir contra meia dúzia de perversos.

Ninguém defendeu essas vítimas, não menos lastimosas que as outras, e mais interessantes, pois estão vivas, e as outras morreram. Cavemos fundo no assunto. Não consta que houvesse entre os passageiros das duas barcas a menor sombra de inimizade pessoal. O que se disse, – e raras vezes a imprensa se verá assim tão concorde, – é que os passageiros da *Quinta*, por medo de alguma explosão, deixaram morrer os da

---

da *Terceira*, sendo certo também que um outro grupo formou-se, protestando contra a covardia dos seus agressores, exigindo que a barca socorresse aos naufragos; estes, porém, nada podiam fazer em vista dos primeiros terem agredido a casa do leme.” No dia 10 (*Gazeta de Notícias*, p. 2): “Pelo comandante do paquete alemão *Santos*, entrado ontem em nosso porto, foi dito existirem fora da barra mais de 30 cadáveres a boiar.” A imprensa é unívoca em condenar as ações dos passageiros da *Quinta*. O *Rio News*, por exemplo, jornal bastante equilibrado, nas p. 4 e 5 da sua edição de 8 de janeiro, diz que “a infâmia de tal conduta está além de nossos poderes limitados de denúncia”, e que se devem publicar os nomes dos passageiros armados (já que a lei proibia o porte de armas).

<sup>9</sup> Fora mesmo há pouco mais de meio século. No dia 25 de maio de 1844, quando Machado tinha quase 5 anos, a barca *Especuladora*, que acabara de largar do cais Pharoux, com mais de 200 passageiros, foi pelos ares, em razão de formidável explosão na caldeira, matando mais de 70 pessoas.

<sup>10</sup> Ver a próxima crônica, nota 2.

<sup>11</sup> Aurélio sugere que talvez esta palavra seja erro de revisão, e que a leitura correta seja “feroz”. Decidimos manter, acreditando que Machado quisesse significar que era um “procedimento de feras”.

*Terceira*. Não houve propósito, mas um arrebatamento geral, e não contra a *Terceira*, mas em favor da *Quinta*. Compreendeis a diferença? É mister distinguir os motivos. Se o ato da *Quinta* fosse aproveitar o desastre da *Terceira* para deixar morrer a gente que lá vinha, não havia nos dicionários nem nas brigas de carroceiros vocábulo assaz duro para condenar semelhante ato de covardia.

Tratando-se, porém, de salvar os passageiros da *Quinta*, a que cederam<sup>12</sup> eles, senão a um sentimento de conservação, mais forte neles que o da caridade, mas não menos legítimo? *Serva te ipsum*.<sup>13</sup> A *blague* francesa disse que o conde Ugolino comeu os filhos para conservar-lhes um pai.<sup>14</sup> Os passageiros da *Quinta*, sem chegar a esse extremo de voracidade, conservaram às vítimas alguns cidadãos sobreviventes, com tanto maior mérito que nenhum laço de sangue os prendia aos outros.

Há anos, deu-se um naufrágio no Rio da Prata. Não me lembra o nome nem a nação do navio; ficou-me de memória um episódio. Vinham a bordo um noivo e uma noiva, ambos na flor da idade, e a água ia ser para eles, a um tempo, o tálamo e o túmulo. Os poetas, que estavam em terra almoçando, perderam essa bela ideia, porque os noivos não morreram. Um velho conseguira agarrar-se a uma tábua ou o que quer que era, que o arrancava à morte certa. Os dois noivos estavam prestes a perder-se. Então o velho, vendo a aflitiva situação de ambos, lembrou-se de lhes dar a tábua ou cinta de salvação, dizendo-lhes com doçura: “Vocês estão moços, devem viver.” E, ficando sem algum socorro, mergulhou na água e sucumbiu. Os noivos, escapando com vida, referiram o caso em terra, onde o entusiasmo foi enorme. Os diários escreveram brilhantes artigos em homenagem ao velho. A opinião moveu-se; surgiu a ideia de perpetuar em bronze a memória de tão nobre ação, mas não foi adiante.<sup>15</sup>

Certamente a ação foi sublime; mas nem todas as ações podem ser sublimes. Nem todas são simplesmente belas, como a daqueles que salvaram alguns passageiros da *Terceira*, sem os conhecer, por impulso de humanidade. Belas foram e virtuosas; mas a beleza e a virtude não são as notas surradas de papel-moeda, que andam em todas as algibeiras. São as moedas de ouro que os cambistas da rua Primeiro de Março expõem nas vitrinas, que pelo atual câmbio custam caro. Nem há só pessoas que salvaram vidas. Há outras que dão dinheiro para os órfãos e viúvas, e outras que se

---

<sup>12</sup> Está assim na *Gazeta*. Aurélio acrescenta uma vírgula, a nosso ver desnecessária.

<sup>13</sup> “Cuida-te de ti mesmo” (latim).

<sup>14</sup> Ugolino della Gherardesca é o protagonista de um dos episódios mais famosos e tétricos do “Inferno” de Dante, no canto 33. Encarcerado sem comida pelo seu inimigo, o arcebispo Ruggieri, comeu seus próprios filhos. No poema, está sepultado no gelo, junto com Ruggieri, num dos últimos círculos do inferno, entre os que traíram sua própria família.

<sup>15</sup> Este episódio foi também aproveitado no conto “A igreja do diabo” (de 1883), no segundo capítulo.

oferecem para educar as crianças cujos pais pereceram na catástrofe da *Terceira*. Nem tudo é o tombadilho da *Quinta*.

